

ESPORTES RADICAIS

SURFE

Como Praticar

“Ter” um mar apropriado - que proporcione boas ondulações - é essencial para poder se tornar um bom surfista. Mas, nada você poderá fazer se tiver, por exemplo, uma Maracaípe ao seus pés e não dispor debaixo deles uma prancha. O equipamento completo para poder sair da praia e dar altas chapuletagens na “orelha” das ondas sai por, mais ou menos, uns R\$ 400,00.

O mais caro é a prancha. No entanto, são componentes da nova amiga - amiga sim, você vai enlouquecer quando comprar a sua -, cordinha, parafina ou anti-derrapante, e bermuda para poder entrar no mar. Algumas pessoas defendem que um iniciante deve comprar uma prancha usada para começar a aprender. Tudo, entretanto, vai depender dos reais que o atleta tem para gastar.

Com todo o aparato nas mãos é se jogar no mar e começar a prestar atenção no que os mais experientes fazem para poder imitá-los em seguida. Se tiver um amigo que já pega onda o melhor é estar junto dele e perguntar o que fazer, no melhor estilo “pentelho”. Para aqueles mais tímidos, em Maraca, existe uma escola de surf, onde você poderá se matricular ou mesmo pedir aos professores umas aulinhas na “brodagem”. Sim!!! Aquecer antes de entrar no mar e saber nadar são condições essenciais para encarar as ondas. Procure não vacilar e boas manobras.

História

O surfe está longe de ser um esporte contemporâneo. Talvez por inspirar modernidade e saúde, fica difícil acreditar que foi um rei Indonésio, de nome Tahito, que chegou em águas havaianas e mostrou àqueles “locais” como costumava se divertir na Polinésia. Quando o descobridor do Hawaii, James Cook, aportou na ilha, no longínquo 1778, uma boa parte dos homens do arquipélago já se arriscava dropando as gigantescas ondas de Sunset ou Pipeline.

A propagação do esporte no século XX se deve a um nadador havaiano chamado Duke Paoa Kahanamoku. Foi o esportista que começou a falar aos quatro cantos do mundo sobre um tal de surfe que era praticado em cima de pranchas confeccionadas em madeirite, usadas para descer ondas de vários tamanhos. A divulgação do “novo esporte” era feita num intervalo ou outro que encontrava depois de ganhar provas nas duas olimpíadas que disputou, na década de 30.

No Brasil, o surfe apareceu por causa dos turistas. Os americanos que vinham para o país conheciam o esporte e traziam as suas pranchas a tiracolo para se aventurar nos picos daqui. Consta da história do surfe tupiniquim, que o primeiro protótipo shapeado por brasileiros surgiu em 1938. A façanha foi creditada a Osmar Gonçalves, João Roberto e Júlio Rutz, todos do Rio de Janeiro.

Porém, é na década de 70 que se nota o impulso que o surfe tomou no país. “Todo mundo” - principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro - estava fazendo as suas pranchas e ganhando os mares do Brasil. Hoje, são mais de 6 milhões de praticantes na enorme costa brasileira. Os surfistas disputam, remada a remada, os seus espaços dentro da água e o direito de pegar tubos e dar batidas e aéreos irados.

WIND SURF

Onde Pratica

No mundo já sabemos que Aruba, Maui, Isla Marguerita e Ilhas Canárias são os principais “pontos de encontro” dos wind surfers. Aqui no Brasil, reconhecidos como “points” estão Búzios, no Rio de Janeiro; Itaparica, na Bahia; Jericoacoara, no Ceará; e Maria Farinha e Piedade, em Pernambuco. Entretanto, Yuri Tagutti afirma que o mar é a maior condição a prática do wind surf. Por isso, além dos picos de Pernambuco acima relacionados, o expert garante que de norte a sul o esporte pode ser realizados sem dificuldades em qualquer “canto” do estado.

Como Praticar

Não existe nada que impeça uma pessoa de se enveredar nos caminhos dos esportes radicais por conta própria. No entanto, quando você conta com um instrutor que lhe passe as dicas corretas de como pratica-los, sem dúvida, a coisa fica mais fácil. No Recife, a Loja de artigos esportivos, Bob Nick, é pioneira no estado quando o assunto é escola de wind surf. Por trás das aulas está Yuri Tagutti, campeão nas raias de todo Brasil que não esconde o jogo quando tem que ensinar as manhas do esporte predileto. “São cinco aulas ao todo sendo que, uma teórica e o resto prática”, afirma, ressaltando que, após esses poucos encontros, o aluno estará apto a sair deslizando pelo mar afora.

O wind surf possui três modalidades diferentes. O Race, que usa pranchas e velas potentes, o que proporciona uma velocidade muito grande; o slalon, caracterizado por pranchas menores que recebem velas maiores e são ideais para os locais de vento forte; e a wave, que é aquela modalidade em que o esportistas pratica em ondas. Seja surfando nelas ou usado-as como rampas para dar aéreos - vôos. Sabendo disto, agora é só escolher o que lhe convém e fazer bonito no oceano.

SKATE

Onde Praticar

A modalidade mais praticada hoje em Pernambuco é o "street" ou “de rua”, que consiste em realizar manobras em "obstáculos", como bancos de praça, corrimãos, escadarias, calçadas e tudo mais que a criatividade e habilidade permitir. Existem inúmeros points de "street" no Recife. Os mais conhecidos são o da rua da Aurora, em frente a garagem de remo do Náutico; a "Pracinha", no Pina, atrás do primeiro jardim de Boa Viagem e os correios centrais na rua do Sol.

Além dos picos "naturais" de "street", a cidade possui duas "street parks". O Muarama Skate Park, no bairro do Barro, na comunidade do Muarama e o Cuscuz Roller Dance, que funciona aos domingos das 17h às 22h, no clube português. A pista é ótima para principiantes e conta com uma estrutura especializada. (Ambas as pistas são particulares).

Existem algumas pistas públicas na cidade, as "mini ramps" da avenida Boa Viagem, localizadas próximas ao primeiro e segundo jardim; a mini ramp da “Lagoa do Arrasa”, na Imbiribeira; a mini ramp de Maranguape Dois e o "half pipe" do Parque Memorial ArcoVerde, no Complexo de Salgadinho. Para a modalidade down hill (velocidade em ladeiras), o pico mais conhecido é o Morro dos Guararapes, em Prazeres.

História

João Neto

O skate surgiu no final dos anos 60, inventado por surfistas da Califórnia (EUA), que tentavam reproduzir em terra firme as manobras do surfe. Em Pernambuco, a novidade chegou por volta de 1975, quando cerca de 15 jovens praticavam a modalidade no estado, (alguns ainda estão na ativa, como Beto e Wilson). Ainda na década de 70, o esporte passou por uma verdadeira onda de adesões, com centenas de praticantes e diversas competições em Pernambuco. O principal estilo praticado na época era o "free style" ou estilo livre, que consistia em executar manobras em terreno horizontal com skates de dimensões bastante diferentes das atuais, com 50 cm de comprimento e 20 de largura. (muitas das manobras de hoje derivam desta época, principalmente os "flips", quando o skate realiza giros).

Após o período de "febre", o skate em Pernambuco passou por uma queda no início anos 80, quando praticamente ficou resumido a um grupo de "skatistas" que se reuniam no bairro de Boa Viagem num "half pipe" (pista em forma de "u", com inclinações de até 90 graus).

No final dos anos 80 houve outra "onda" com campeonatos mais organizados e surgimento de associações. O esporte sofreu um novo esfriamento no início dos anos 90, mas muitos "skatistas" continuaram a prática em vários pontos de Recife, os campeonatos continuaram existindo e surgiu o primeiro profissional do estado, Marcelo Agra.

Hoje o skate pernambucano está espalhado pelo estado, com competições na capital e no interior. Tem vários atletas patrocinados por empresas locais e do Sul do país e um profissional, o Ogui de Sousa (atleta deficiente físico que compete no circuito mundial).

A grande carência, atualmente, é a falta de apoio, tanto do Governo do Estado, quanto dos empresários de lojas de material esportivo, que poderiam investir mais nos skatistas e em campeonatos.

VÔO LIVRE

Onde Praticar



Local para voar foi o problema inicial em Pernambuco. Havia os voadores, mas não havia local. Os voadores tinham que se deslocar para outros estados para praticar o esporte. Os treinos eram feitos em locais nem sempre apropriados, como pequenos morros próximos a capital. A usina Frei Caneca era o local mais procurado para treinos.

Depois veio o morro da Coral, assim chamado por causa de uma cobra coral que lá encontraram. É um morro de 50 a 70 metros de altura e de frente para um outro, por isso com pouso “rotorizado”.

Depois encontrou-se o Morro de Pombos, na Serra das Russas, a 65 quilômetros do Recife, também chamado de “Abacaxi”. Este passou a ser por um bom tempo o “point” dos voadores do Estado. Logo que iniciou-se a voar neste local, Pepe, Bráulio e Pedrão foram a Taquaritinga do Norte e Pepe fez o primeiro vôo daquela cidade. Como era muito novato no esporte, o vôo rendeu-lhe um corte no braço, mas a satisfação de vencer o desafio.

O vôo livre em Pernambuco teve a grande virada quando o voador Petrus, passando pelo município de Vicência, avistou o Pico do Jundiá, com 350 metros de desnível (550 metros de altitude). O local é hoje o mais freqüentado e importante “point” de vôo livre em Pernambuco. Assim que soube do achado, Marcílio partiu para lá acompanhado do voador inglês Richard e do natalense Thalís.

Naquela ocasião, somente Richard, piloto de grande experiência, conseguiu decolar. Pouco tempo depois, Marcílio conseguiu junto a prefeitura de Vicência a construção da primeira rampa em Pernambuco, possibilitando o vôo para todos os voadores. Com a pista de decolagem, muitos dos voadores que estavam afastados voltaram a praticar o vôo livre. Marcílio estava convicto que o vôo em Taquaritinga do Norte era promissor e trouxe novamente o voador cearense Fernando Marinho para testar o melhor local para decolagem. O local é hoje o mais importante de Pernambuco e do País para vôos de longa distância, chamado de “cross country”.

Posteriormente, a APEVL designou o voador Heber Siqueira para desenvolver novas rampas de madeira em Vicência e Taquaritinga. Assim que ficaram prontas foi realizado o primeiro campeonato de vôo livre em Pernambuco com a participação de voadores do Rio de Janeiro. A rampa de Taquaritinga recebeu o nome do voador carioca Pepê e a de Vicência de Josenildo Rufino, o Jó, primeiro voador (e por enquanto único) daquela cidade.

Outros locais foram desbravados no Estado. A rampa na divisa dos municípios de Aliança e Timbaúba, no Engenho Gitó, apesar de baixo e simples, é especial pois tem contribuído com o esporte. Este local foi visitado por Pepe que junto com Heber e André viajaram por vários morros a procura de um local intermediário para formação de novos voadores.

Ao subirem até o pico, se depararam com o que é hoje um dos mais visitados locais de vôo do estado. Tanto pela proximidade, quanto facilidade de acesso e decolagem de asa delta e do parapente. Poucos dias depois de encontrado o local, Heber fez o primeiro vôo e constatou o que se esperava: decolagem segura, vôo agradável, pouso extenso e fácil.

Logo que soube do achado, Marcílio trouxe os alunos para fazerem vôos dali, tendo que capinar o mato para improvisar duas rampas naturais que durante anos ficaram sendo utilizadas por todos os voadores de Pernambuco. Hoje o local é arredado pela APEVL que montou uma boa estrutura para se passar o dia ali com a família.

Como Praticar

A física conceitua: o ar quente é mais leve que o ar frio. No entanto, ele se encontra à altas altitudes. Foi assim que começaram a fazer, nos grandes morros de todo o Brasil, rampas para saltar de asa delta. Tudo para conseguir dispor desse vento que impulsiona os sonhos dos esportistas mais radicais. A História e os locais para a prática, o internauta já conhece aqui do EL LOCO, mas como voar, literalmente, ainda não falamos no nosso espaço. Então, lá vai.

Primeiro de tudo, tem que comprar o equipamento ou alugar um nos clubes de asa delta daqui. O mais importante, porém, é: no início, estar sempre acompanhado por um instrutor. Os primeiros saltos são duplos. Depois que se adquire confiança, o atleta já pode seguir sozinho. É bom que a aventura de ganhar os ares seja sempre compartilhada com alguém, pois uma mão lava a outra e um amigo pode ser importante num momento de perigo.

Com a parafernália alada em cima de você e segurando o trapézio, o atleta se coloca no início da rampa e espera uma corrente de ar quente mais forte. Daí, acontece a célebre corrida pelo compensado de madeira rumo o céu. Tudo isso é muito difícil para iniciante e

KITE SURF

Onde Praticar

Com o material esportivo à mão, o atleta pode praticar em qualquer praia. Alguns cuidados são imprescindíveis como segurar corretamente as cordas para evitar se cortar ou decepar os dedos; evitar o vento da terra para o mar e nunca fazer manobras não recomendadas pelas instruções básicas do esporte.

Como Praticar

Em Pernambuco, apesar de reunir todas as características para praticar o esporte, ainda não existem relatos de alguém que possua o equipamento disponível para “sair voando” por aí. Por sinal, até a compra de um destes protótipos é um pouco complicado. Só uma loja no Brasil, em Floripa, dispõe do material.

No entanto, praticá-lo, é relativamente fácil, principalmente para aqueles que já tenham experiência no surfe, snow board, skate. Mas vai a dica: em breve um representante local deve estar trazendo os primeiros equipamentos e testando-o em Maracaípe (PE).

A pipa têm três tipos de formato: infláveis, miniglides e rígida (pequeno asa delta) e é ligada à pessoa – que deverá estar em cima de uma prancha - através de cordas. A prancha de surfe deve ser um pouco mais larga e possuir presilhas na superfície para prender os pés (como nas pranchas de wind surf).

Enquanto o atleta está dentro da água, segurando as cordas com as mãos, o velame ficará na terra até ganhar altitude. Quando isso acontecer, o próprio praticante ficará na incumbência de dirigir a pipa, que ele direcionará para dentro do mar.

Um toque importante é fazer o fly surf em um mar de vento maral, ou seja, que tenha a circulação da água para a costa. O terral, que é o contrário, pode levar o kite surfer para longe da praia dificultando a sua volta.

História

Se um aficionado por esportes radicais têm as seguintes condições: vento, mar, geografia bem delimitada, prancha e pipa, ele já pode pensar em praticar a mais nova mania na França e no Hawaii, o kite surf. Kite, em inglês, significa pipa e a brincadeira consiste em ser arrastado em alta velocidade pelo objeto – que está mais para um velame de pára-quedas ou parapente do que para aquele que empinamos quando crianças – em cima de uma prancha de surfe. A soma desses dois utensílios proporciona, além de vôos e manobras fenomenais, uma adrenalina para “maluco” nenhum botar defeito.

A pipa que hoje arrasta as pranchas, skates, snow boards, apareceu há séculos, onde era utilizada para ajudar na pesca. O utensílio era amarrado nas pontas das redes, ajudando aos pescadores na hora do arrastão. Como lazer, o esporte ganhou força em meados dos anos 90. Inicialmente, ainda sem o nome atual, tinha os velames usados para puxar esquis aquáticos. Foi dessa experiência que os irmãos franceses, Legainoux, trabalharam no primeiro protótipo, chamando-o de fly surf-system – outro nome da ação radical. Desde 95, a prática é sensação na própria França e no Hawaii.

No Brasil, a primeira vez que se ouviu falar em kite surf ou fly surf foi no ano de 1996. Um francês aproveitou sua passagem por Florianópolis para impressionar os locais com o esporte radical. Marco, da Bad Boy, não ficou para trás e em uma das viagens que fez ao arquipélago havaiano trouxe para o país o primeiro jogo de kite surf. Como o aparato esportivo ainda é escasso no Brasil, só sete pessoas dominam o esporte por aqui.